

Redes de Sociabilidade no Ciberespaço Lusófono

*Social Networks in Lusophone
Cyberspace*

Isabel Macedo

Universidade do Minho/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
isabelmaced@gmail.com

Lurdes Macedo

Universidade do Minho/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
mlmacedo71@gmail.com

Rosa Cabecinhas

Universidade do Minho/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
cabecinhas@ics.uminho.pt

Resumo

As redes sociais que se estabelecem no contexto digital permitem a análise do modo como a posição dos atores numa rede influencia o seu acesso a vários recursos, como por exemplo, à informação. O acesso a estes recursos auxilia a participação dos indivíduos no ciberespaço, enquanto cidadãos ativos, com capacidade de criar e produzir significados e sentidos neste contexto.

Com o recurso aos softwares Ucinet e Netdraw, analisámos as redes que se estabelecem no seio das blogosferas brasileira, moçambicana e portuguesa, tendo por base uma cartografia realizada, durante um período de três meses, a 348 Weblogs do ciberespaço lusófono. As redes que apresentamos representam as sociabilidades virtuais entre os autores dos Weblogs desta cartografia, tendo sido dada especial atenção ao contexto real onde estes se movem e às condições de acesso à rede nos três países em estudo.

Abstract

The social networks that are established in the digital environment allow the analysis of how the position the actors detain within a network affects their access to various resources, including to information. The access to these resources helps individuals to participate in cyberspace, as active citizens, able to create and produce meanings in this context.

In this paper, is discussed some of the research developed in a broader project which had as main objective the analysis of how 'Lusophone' identity is (re)constructed in cyberspace and in everyday interpersonal communication.

Using Ucinet and Netdraw software, are presented the networks established within the Brazilian, Mozambican and Portuguese blogospheres, based on a mapping that analyses the monitoring carried out over a period of three months, in 348 Weblogs of the Lusophone cyberspace. We examine the virtual networks of

sociability among the authors of Weblogs of this mapping, with particular attention to the real context in which they move, and to the conditions of network access in the three countries under study.

Palavras-chave: Redes de sociabilidade, **Keywords:** Social networks, identities, cyberspace, identidades, ciberespaço, lusofonia. *lusophony.*

Introdução

O conteúdo analítico deste artigo enquadra-se num projeto mais amplo¹ que tem, entre outros objetivos, a análise de narrativas virtuais no ciberespaço lusófono. Tendo sido previamente realizada uma cartografia do ciberespaço em todos os países de língua oficial portuguesa (Macedo, Martins e Macedo, 2010; Macedo, Martins, Cabecinhas e Macedo, 2013), neste artigo examinamos as redes de sociabilidade estabelecidas entre os bloguistas que constam da referida cartografia. Dada a grande abrangência desta monitorização, para a análise das redes de sociabilidade foram escolhidos apenas três países: Brasil, Moçambique e Portugal. Estes países foram selecionados porque representam o ex-colonizador e duas ex-colónias, com diferentes contextos regionais e diferentes índices de desenvolvimento socioeconómico e humano. O Brasil surge atualmente como uma potência económica mundial (membro do G20), enquanto que Moçambique, apesar do crescimento recente, continua a ser um dos países mais pobres do mundo (PNUD, 2013).

O nosso mapeamento do ciberespaço lusófono inclui maioritariamente Weblogs. Optámos por estudar esta ferramenta, pois consideramos que esta apresenta enormes potencialidades para a democracia (Blood, 2002; Drezner e Farrell, 2004; Costa e Silva, 2012; Macedo, 2013). Por um lado, as plataformas de criação e edição de blogues são cada vez mais intuitivas, permitindo à maioria dos cidadãos a criação de um Weblog. Por outro lado, o facto de não existir controlo editorial neste contexto e, conseqüentemente, a liberdade de publicação, permite aos cidadãos expressar as suas ideias, criando uma geração de indivíduos envolvidos, articulados e observadores do contexto social, político e económico no qual se movem. Como refere Macedo (2013), estas diferentes vozes, sem qualquer

controlo editorial, permitem que as comunidades se revigorem através da produção de narrativas diversas sobre a sua própria história.

Estando integrado num projeto de investigação mais amplo, que pretendia examinar a (re)construção da identidade lusófona, importa iniciar esta reflexão esclarecendo o nosso ponto de partida para a discussão sobre redes de sociabilidade no contexto designado de 'lusófono'. Partimos para a análise das redes estabelecidas nas blogosferas brasileira, moçambicana e portuguesa, tendo presente que, mais do que pensar a língua comum, o português, como "laço que une" estes países, devemos procurar compreender as implicações políticas e epistemológicas associadas à partilha de uma língua inicialmente imposta no período colonial (Castro Rocha, 2013). Importa, na nossa perspetiva, ter presente o processo histórico, estreitamente relacionado com a supressão de linguagens e visões do mundo alternativas, para compreendermos melhor as relações que se estabelecem nas três blogosferas em estudo. De facto, um modo de lidar com a complexidade que a noção de lusofonia nos apresenta é precisamente falar sobre ela, traduzindo-a num discurso teórico e realizando trabalhos empíricos refletidos.

1. Sociedade em Rede, Esfera Pública e Info-Exclusão

O facto de que as tecnologias de comunicação e informação (TIC) têm afetado significativamente os sistemas económicos, políticos e culturais a nível global não é novidade. Contudo, o papel que a sociedade civil global tem vindo a assumir na formação da "sociedade em rede" (Castells, 1996) merece uma reflexão mais aprofundada. Para Castells (2001: 317-319), a internet é de facto uma tecnologia de liberdade, mas podemos encontrar-lhe também algumas limitações. Como o autor refere, esta tecnologia pode contribuir para "libertar os poderosos e oprimir os desinformados". Esta "sociedade em rede", construída em torno das redes de comunicação, constitui assim uma espaço de libertação e, em simultâneo, de dominação. De dominação, porque o acesso à mesma pode ser controlado e os seus usos "influenciados ou mesmo monopolizados por interesses comerciais, ideológicos e políticos". Além disso, a infoexclusão, que se produz através de vários mecanismos, por exemplo, obstáculos económicos que impedem o acesso à infraestrutura tecnológica e insuficientes conhecimentos para a utilização da internet, persiste ainda em várias partes do

globo. Por outro lado, em todos os continentes, através de inúmeras experiências e projetos, professores, ativistas sociais, investigadores, líderes comunitários e tecnólogos envolvem-se na promoção do acesso à internet.

A rápida expansão do investimento nas tecnologias de informação e comunicação e o crescimento de utilizadores de internet é impressionante, mas a sua importância real gira em torno da sua capacidade de atuarem neste contexto enquanto agentes transformadores. De facto, estas tecnologias têm vindo a alterar a sociedade atual em inúmeras vertentes: social, cultural, política, institucional e económica.

Por seu turno, os blogues tornaram-se também uma ferramenta comunicativa cada vez mais conhecida que revoluciona o setor da comunicação e dos relacionamentos sociais. O ciberespaço levanta uma série de questões relativas ao poder social e ao espaço público. Light (1999) argumenta que ao longo do século XX houve pânico morais relativos ao desaparecimento do espaço público e cívico. No entanto, para a autora, nunca houve um espaço público na sociedade ocidental. Na sua opinião, ao longo da era moderna, o espaço público foi regulamentado através de forças legais e culturais, excluindo e marginalizando diferentes setores da sociedade, nomeadamente a maioria dos grupos minoritários. Por exemplo, o que foi teoricamente considerado espaço público excluiu grupos como mulheres, gays e lésbicas, negros, pessoas com deficiência, pessoas sem-abrigo e pobres, através do uso de práticas sociais e signos culturais empregues nessa arena.

Para alguns, o ciberespaço rompe com essas geometrias de poder, alterando a base sócio-espacial em que são formadas e sustentadas. Para outros, o ciberespaço apenas reforça e aprofunda geometrias atuais, proporcionando um meio através do qual a hegemonia é ainda reproduzida. De facto, o ciberespaço é muitas vezes promovido como uma arena igualitária. Contudo, este não é patentemente acessível a todos. O uso do ciberespaço, e, portanto, dos seus possíveis benefícios (sociais, políticos e económicos), é fragmentado espacial e socialmente. Na verdade, longe de criar uma sociedade mais igualitária, vários autores têm sugerido que o ciberespaço reproduz e reforça as desigualdades entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento (Thomas 1995; Évora e Silva, 2010; Macedo, 2013). Inicialmente o ciberespaço era acessível apenas para aqueles que tinham a infraestrutura de telecomunicações (um computador, uma linha telefónica); que podiam

pagar o equipamento informático; que tinham as habilidades para o operar e tempo para interagir com ele (Fernback e Thompson 1995). O uso destes equipamentos sofreu alterações significativas, generalizando-se o acesso à internet, nomeadamente, através dos telemóveis. Os serviços disponibilizados por estes equipamentos foram-se desdobrando para atrair e satisfazer necessidades e desejos. De facto, passamos de um contexto inicialmente dominado por pessoas com as condições económicas e escolares para acederem a estes serviços, em que o acesso a um computador em casa e no trabalho estava altamente relacionado com o rendimento familiar e o contexto socioeconómico em análise (Graham e Marvin, 1996; Moss e Mitra, 1998), para uma realidade em que o acesso à internet é feito cada vez mais através do telemóvel e em que as redes sociais se tornaram um meio privilegiado de divulgação e acesso à informação (Silva, 2005; Cardoso e Lamy, 2011)ⁱⁱ.

Os autores Schuler e Day (2004), referem-se à internet como uma "esfera pública" fundamental nos sistemas democráticos. Esta "esfera pública", enquanto "estrutura mediadora", constitui um mecanismo de ligação, que se destina a articular pontos de vista diferentes, para dar voz a todos. Na opinião dos autores, uma esfera pública pode ser caracterizada por três características principais: (i) apresenta oportunidades de comunicação num sentido amplo; (ii) as pessoas podem entrar nestes espaços sem obstáculos indevidos, independentemente de sua etnia, religião, preferência sexual, género ou condição económica, e os próprios espaços são visíveis, as discussões e decisões não acontecem a portas fechadas; (iii) esta esfera pública é mediadora entre pessoas e instituições, entre aqueles que podem ser impotentes e aqueles que podem ser extremamente poderosos. À semelhança de Schuler e Day (2004), também Millette (2014) refere que a Internet e os media sociais têm potencial para o empenhamento político, em especial para os cidadãos de grupos minoritários.

Esta reflexão remete-nos para a ideia de que a existência de uma esfera pública pressupõe que esta deva ser inclusiva em vários aspetos. Em primeiro lugar, todos devem ser capazes de participar em igualdade de condições, ou seja, aqueles com melhor situação económica não devem gozar de condições que permitam o uso de uma maior influência. Isto significa que a sociedade precisa examinar de perto o modo como as pessoas participam na tomada de decisão pública e ajudar a garantir que esses mecanismos não favorecem os privilegiados.

Em segundo lugar, se a agenda pública é monopolizada e manipulada por empresas, políticos, ou pelos meios de comunicação, a esfera pública está seriamente ameaçada. Em terceiro lugar, a esfera pública exige um processo público em que todas as vozes são iguais, pelo menos no que toca a tomadas de decisão.

Idealmente, a internet poderia constituir esta “esfera pública”. No entanto, este conceito é impreciso. Existe uma única esfera pública central que todos poderiam usar? Há esferas públicas alternativas cuja razão de ser é desafiar os pressupostos e especificidades das esferas públicas mais ortodoxas? Como se trata de um conceito abstrato, Schuler e Day (2004) consideram que o seu melhor uso pode ser como um indicador para a direção a seguir e como um ponto de partida para a crítica e a ação. Esta ideia de uma “esfera pública” pode auxiliar-nos na crítica aos sistemas existentes e a imaginar outros melhores. De facto, Morais (2011) argumenta que a Internet não cria uma esfera pública, porque faltam recursos essenciais, como: o debate com o uso da razão; a colocação dos interesses coletivos acima dos individuais, no sentido de se entender e ouvir vozes diferentes; o envolvimento político, entre outros. Concordamos com Correia (2011), quando este menciona que em vez de concebermos a esfera pública apenas como um domínio social específico marcado pelo consenso, interessa também vê-lo como marcado por numerosas contradições e por um considerável grau de heterogeneidade, ou seja, como uma realidade polidimensional e ambivalente. Num trabalho mais recente, o autor acrescenta que as redes sociais não são espaços públicos, mas podem gerar “espaços públicos fluidos, produtores de opinião e diálogo, de contestação e de criação” (Correia, 2014: 87).

O uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novos modos de exercício do poder. Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, os modos de interação diferem da interação face-a-face que caracteriza a maioria dos encontros da vida diária. Os indivíduos têm a possibilidade de interagir com outras pessoas que estão fisicamente ausentes, ou agir em resposta a outros que estão situados em locais distantes, podendo adotar, ou não, uma postura crítica e ativa no contexto digital, contribuindo, ou não, para a promoção de uma esfera pública verdadeiramente democrática.

1.1 Índice de Desenvolvimento Humano e Utilizadores de Internet no Brasil, Moçambique e em Portugal

A conceção de “esfera pública” aplicada à internet fica em risco, quando nos confrontamos com as limitações impostas pelas desigualdades no acesso à rede. Analisando os dados disponíveis relativos ao índice de desenvolvimento humano e à percentagem de utilizadores de internet nos três países que nos propusemos estudar, verificamos uma discrepância significativa, que pode afetar consideravelmente as redes que são formadas nos três contextos.

O índice de desenvolvimento humano indica os progressos alcançados em determinado período nos domínios da educação, da saúde e do rendimento nos países em estudo, sendo expresso através de um valor entre 0 e 1 (quanto maior o valor mais elevado o nível de desenvolvimento humano). Portugal encontra-se entre os países com um índice de desenvolvimento humano muito elevado, (0,816 em 2012), embora se tenha constatado uma ligeira descida de 2010 para 2012, possivelmente resultado da crise económica e social vivenciada ao longo deste período. Pelo contrário, o Brasil apresenta uma subida significativa do índice de desenvolvimento humano nas últimas décadas, encontrando-se entre os países com um desenvolvimento humano elevado (0,730 em 2012). Por seu turno, o índice de desenvolvimento humano em Moçambique, embora tenha registado uma ligeira subida na última década, coloca este país entre aqueles com um índice de desenvolvimento humano muito baixo (0,327 em 2012), (Relatório de Desenvolvimento Humano, 2013).

Os dados apresentados por este relatório relativamente à percentagem de utilizadores de internet nos três países referem-se a 2010, precisamente o ano em que foram recolhidos os dados aqui discutidos. Estes dados podem relacionar-se com aqueles expostos anteriormente, sendo de realçar o número escasso de utilizadores de internet em Moçambique. De facto, embora o relatório indique que entre 2000 e 2010, a utilização da Internet cresceu mais de 30% no período de um ano em cerca de 60 países em desenvolvimento, a realidade é que apenas cerca de 4,2% da população moçambicana é utilizadora desta ferramenta (0,1% subscreve o serviço na sua habitação), o que nos remete para uma percentagem elevada do número de indivíduos que se encontram infoexcluídos. Já no Brasil, a realidade é diferente, com cerca de 40,7% da população com acesso à internet.

De facto, o Brasil tem “experimentado inegáveis avanços no acesso da população à Internet, embora os números ainda revelem fortes disparidades, conforme as regiões do país, as classes sociais e o nível de escolaridade das pessoas” (Wagner, 2010: 47). Esses avanços ocorrem devido ao aumento do número de famílias que possuem computadores e de pessoas que têm acesso à Internet. Contudo, apenas 6,8% da população subscreve o serviço. Esta baixa percentagem de subscrições pode relacionar-se com a proliferação das lanhouses — espaços coletivos de utilização de Internet a baixo custo — quer nas regiões mais desfavorecidas, quer nas grandes cidades. Em Portugal, aproximadamente metade da população (51,3%) é utilizadora da internet, com 19,2% de subscrições do serviço em casa (Relatório de Desenvolvimento Humano, 2013).

Perante este dados, podemos considerar que, embora a internet tenha o potencial de permitir à sociedade civil global influenciar a tomada de decisões sobre questões globais cruciais e possibilite a conectividade de grupos diversificados — oferecendo plataformas para a rápida divulgação de ideias e preocupações dos cidadãos — importa ter presente que esta liberdade, quando não garantida pela capacidade dos cidadãos acederem a este serviço, pode remeter para processos de exclusão e silenciamento pelas estruturas dominantes, em determinados períodos e contextos sociais.

De facto, a inclusão digital é uma faceta da inclusão social. A inclusão digital prevê o acesso ao mundo digital para o desenvolvimento intelectual, promovendo espaços para práticas culturais significativas que contribuem para a construção de cidadãos letrados digitalmente, ou seja, não apenas com capacidade técnica de atuar no ciberespaço, mas com a aptidão para criar e produzir significados e sentidos nele (Warschauer, 2002).

1.2 O estabelecimento de redes virtuais de sociabilidade na blogosfera

1.2.1 A blogosfera

Num curto espaço de tempo — de finais da década de 90 do século XX para o início do século XXI — transitamos de uma fase em que só aquelas pessoas que sabiam como elaborar códigos de uma página web poderiam fazer ouvir a sua voz, para uma nova fase em que indivíduos

com pouco conhecimento de construção de páginas na internet passaram a ter a possibilidade de publicar na web.

Na perspetiva de Drezner e Farrell (2004: 5), um blogue pode ser definido como “uma página web com o mínimo de edição externa, fornecendo comentários online, atualizado periodicamente e apresentado em ordem cronológica inversa, com links para outros blogues”. Os blogues filtram as notícias, analisando e respondendo, de certo modo, aos eventos do quotidiano. Para muitos indivíduos trata-se de um espaço onde estes podem divulgar os seus pontos de vista, influenciando potencialmente mais pessoas do que seria possível offline. Para outros, um blogue permite documentar os seus projetos, contar histórias pessoais, ou ainda manterem-se em contacto com amigos ou familiares que se encontram em outros locais do globo. Uma das possibilidades mais recorrentes dos blogues é serem utilizados como diários online, ainda que este uso comumente seja mesclado a outros, como a divulgação dos seus trabalhos, ou a promoção da interação e a criação de redes entre vários bloguistas. De facto, encontramos neste universo digital blogues cuja abordagem e temas discutidos são muito diversos - educação, jornalismo, política, literatura, desporto, artes, culinária, etc.

Para esta reflexão, interessa analisarmos o modo como os bloguistas se posicionam numa comunidade, as referências e reações aos blogues que leem mais e, especialmente, examinar a barra lateral do blogue, ou o rol de elos publicados pelo bloguista, enquanto “afirmação da tribo à qual ele deseja pertencer” (Blood, 2000: 130).

1.2.2. O rol de elos

Talvez a diferença mais importante entre os blogues e os media tradicionais é que os blogues são fenómenos web que contam com uma rede de hiperlinks. Alguns blogues são basicamente uma compilação de hiperlinks, outros incluem comentários. Todos os blogues por definição possuem ligações para outras fontes de informação, incluindo outros blogues (Drezner e Farrell, 2004).

Drezner e Farrell (2004) referem que muitos bloguistas mantêm um "rol de elos", ou uma lista de blogues que eles frequentemente leem ou seguem, com links clicáveis para os

endereços Web dos blogues. Este rol de elos costuma ocupar uma posição permanente na página do blogue, fornecendo informações sobre os interesses do bloguistas e sobre as suas preferências dentro da blogosfera. Os bloguistas tendem a utilizar o seu rol de elos para se ligarem com outros com os quais partilham interesses comuns. Há também bloguistas que escrevem mensagens específicas que contêm links para outros blogues. Ao contrário dos links no rol de elos, os links dentro dos posts são arquivados como mensagens novas substituindo as antigas ao longo do tempo. Habitualmente, esses posts ligam diretamente para um post específico dentro de outro blogue, fornecendo também alguns comentários sobre esse post. A publicação de posts comentando outros posts são uma forma de intercâmbio de informação na blogosfera.

Neste artigo, pretende-se perceber as redes que se estabelecem no seio das blogosferas brasileira, moçambicana e portuguesa, tendo por base a análise do rol de elos que cada bloguista da nossa cartografia escolhe publicar.

1.2.3 A Análise de Redes Sociais

Uma rede social consiste em elementos ou atores (nós) ligados entre si por laços sociais (Wasserman e Faust, 1994). O conceito de redes tem vindo a tornar-se cada vez mais evidente na vida diária de indivíduos conectados uns aos outros e é cada vez mais comum as pessoas trabalharem utilizando como ferramenta de ligação as redes virtuais, sem necessariamente terem que se reunir em espaços físicos. Com a expansão destas redes, parece haver uma consciência crescente da sua importância em vários contextos, por exemplo, no contexto empresarial, mas também no desenvolvimento de relações sociais virtuais entre comunidades que se encontram em contextos geográficos distantes.

A análise de redes sociais (SNA) é uma metodologia que tem vindo a ser aplicada em várias áreas das ciências sociais. A SNA tem sido desenvolvida para compreender as relações que se estabelecem entre atores sociais em contextos específicos. Esta análise permite compreender como a posição de um ator numa rede influencia o seu acesso a determinados recursos, como à informação, por exemplo. De facto, o acesso a determinados dados constitui um dos recursos mais importantes que flui através das redes, sendo a SNA frequentemente aplicada para os identificar. Em teoria, a identificação desses fluxos pode

ajudar a definir melhores estratégias para incentivar os diferentes atores a compartilhar informações no sistema social existente. Interessa à SNA, perceber como são criados vínculos entre vários atores, que lhes possibilitem o acesso a determinados recursos, tendo presente que os indivíduos com a melhor posição na rede são aqueles que detêm mais informação. Os atores com acesso a uma variedade de fontes de informação geralmente pertencem a vários grupos, o que lhes dá um certo grau de poder sobre aqueles que agem como intermediários, têm menos contactos – ou links para outros blogues - e , portanto, menos acesso à informação. Deve salientar-se que os fluxos não são necessariamente equitativos, o que significa que as hierarquias são formadas com base na posição do blogue no interior da rede. Estas redes não fornecem apenas o acesso a recursos, mas também a outros blogues que podem contribuir para a sua valorização e divulgação. Isto sugere que os atores podem estruturar as suas redes sociais para maximizar os seus benefícios, localizando-se mais próximos dos recursos e oportunidades existentes. Com efeito, a SNA é uma ferramenta que pode ser usada para compreender melhor como as relações sociais podem, inclusive, influenciar o desenvolvimento local.

O que a análise de redes trouxe de inovador foram os instrumentos técnicos que permitiram verificar empiricamente os postulados teóricos referentes à natureza das relações e ao carácter estrutural das redes. É um processo indutivo, porque se parte da análise das relações sociais concretas, para chegar aos padrões de relacionamento que constituem a estrutura social de determinado sistema (Varanda, 2000; Lazega, 1998). Ao evidenciar as relações que ligam as posições sociais dentro de um sistema, neste caso a blogosfera, a análise de redes dá-nos uma visão da estrutura social.

2. Metodologia

Num estudo anterior foram identificados todos os sites e blogues não-institucionais, escritos em português, que tratavam questões relacionadas com memória social e identidade(s) lusófona(s) (Macedo, Martins e Macedo, 2010). Após a identificação de cerca de 350 sites e blogues, criámos categorias que nos permitiram agrupar estes dispositivos de comunicação de acordo com o seu país de origem e com os seus temas específicos. No total foram analisados 62 blogues/sites do Brasil, 40 de Moçambique e 84 de Portugal, ou alojados

nestes países, procurando de seguida e com recurso ao pacote de software Ucinet, perceber as redes que se estabelecem no interior destas blogosferas.

Nos anos 30 do século passado, Moreno (1972), pioneiro da sociometria, desenvolveu sociogramas para a representação gráfica de padrões de interação que, desde então, são usados para quantificar características estruturais das relações estabelecidas no seio de um coletivo.

Como foi salientado anteriormente, a análise de redes sociais tem como objetivo principal a identificação, de forma rigorosa e sistemática, de regularidades sociais e padrões de interação entre os membros de uma determinada comunidade, procurando perceber porquê, como é que estas ocorrem e quais as suas consequências. Subjacente à análise de redes, está a ideia que é partir das escolhas que fazemos sobre como interagir com outros que surgem diferentes tipos de redes.

Começamos por elaborar uma base de dados para cada blogosfera dos países em estudo. Neste processo, todos os blogues com rol de elos de cada uma das blogosferas foram submetidos a um processo de codificação (ex. A1, A2, A3). De seguida, procurámos em cada blogue as ligações contidas no seu rol de elos. A partir destas ligações, relacionámos os vários blogues (ex: A1 liga com A2 e A3; A2 liga com A1, etc.). Todas estas informações foram inseridas no programa UCINET, em função de uma categoria dicotómica que descreve a relação entre os blogues: 0 – não existe relação; 1 – existe relação.

Nesta apresentação das redes virtuais de sociabilidade de cada blogosfera prestar-se-á atenção especial a três medidas: proximidade, centralidade e coesão. A proximidade indica quão perto o ator está de todos os outros atores da rede e mede-se calculando a soma das distâncias (caminhos geodésicos) de um nodo para todos os outros nodos da rede. Permite também perceber de que modo um ator pode chegar a todos os outros num mínimo de passos e o seu grau de independência; ou seja, ao estar perto de todos os outros, está menos dependente de intermediários, podendo evitar o controlo por parte de outros atores. Já a medida da centralidade aplica-se aos atores com mais ligações, isto é, aos atores situados em zonas estratégicas da rede como, por exemplo, aqueles que fazem a ligação entre grupos. Um ator central é aquele que é mais ativo, no sentido em que domina a maior parte das ligações aos outros. As ligações podem ser recebidas, isto é, se o blogue é alvo de

hiperligações ou emitidas, isto é, se o blogue é origem de links. A centralidade medida por graus mostra onde está a ação e, nesse sentido, evidencia quem são os atores mais visíveis (Wasserman e Faust, 1994). Por último, a medida da coesão aplica-se a subconjuntos de atores entre os quais existem ligações mais fortes, diretas e intensas. Os sociogramas operacionalizam a coesão a partir de critérios de densidade particularmente exigentes. A ideia base é encontrar grupos de atores mais ligados entre si do que com os restantes atores da rede. Com base na informação recolhida relativa ao rol de elos de cada blogue, os gráficos que a seguir se apresentam representam a estrutura do conjunto de cada blogosfera em estudo. Pela articulação desta informação com trabalhos de investigação e estudos sobre o acesso à internet nos três países, é possível estudar o impacto desta estrutura no seu funcionamento e a sua influência no comportamento dos atores que a constituem.

3. Resultados: redes de sociabilidade estabelecidas nas blogosferas brasileira, moçambicana e portuguesa

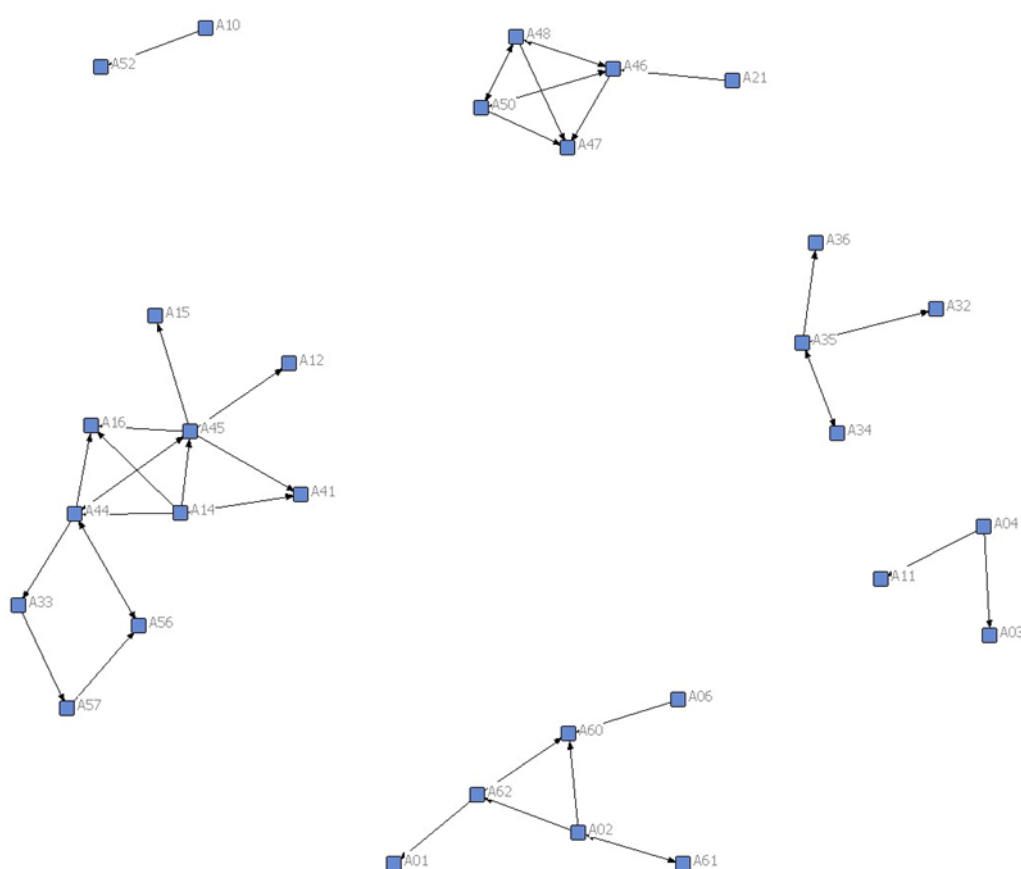
Nos gráficos seguintes, podemos observar as redes estabelecidas no seio das três blogosferas em estudo. Como verificamos anteriormente, o crescimento do número de utilizadores de internet no Brasil tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, bem como o tempo de permanência destes ligados à rede. Esta realidade, afeta também o potencial de alcance dos blogues no Brasil, com um custo relativamente baixo se comparado a um site.

Como se constata pela análise do Gráfico 1, a blogosfera brasileira é bastante dispersa, remetendo-nos para uma imensidão virtual que reflete a dimensão real do país. Com efeito, as redes estabelecidas no seio da blogosfera dividem-se em pequenos grupos. Embora da nossa base de dados constem mais de sessenta blogues com origem no Brasil, o facto é que este número é muito pouco significativo quando se pensa no total de dispositivos criados neste país. Daí que a nossa amostra origine uma rede com pequenos grupos dispersos e sem relação entre si.

Os blogues com mais poder dentro desta rede são O Biscoito Fino e a Massa (A44) e Pensar Enlouquece (A45), por serem aqueles que se encontram em posição de maior centralidade e

intermediação. O mesmo é dizer que se o blogue A44 não existisse, os blogues A33, A56 e A57 não estariam ligados à rede e o acesso à informação disponibilizada pelos outros blogues seria limitado. No caso da blogosfera brasileira, a medida de proximidade não se aplica, porque estamos perante pequenos grupos sem interligação entre si. Também não é possível identificar situações de verdadeira coesão, uma vez que não se verificam redes densas de relações entre os blogues.

Gráfico 1 - Redes estabelecidas entre blogues (Brasil)



Na análise destas redes, importa também ter em consideração os contextos digitais em que os autores se movimentam. No caso da blogosfera moçambicana (Gráfico 2), por exemplo, observa-se uma elevada proximidade e coesão neste espaço virtual. Estes dados, quando articulados com os apresentados anteriormente relativamente ao número de utilizadores de internet em Moçambique, remetem-nos para a existência de um contexto em que apenas

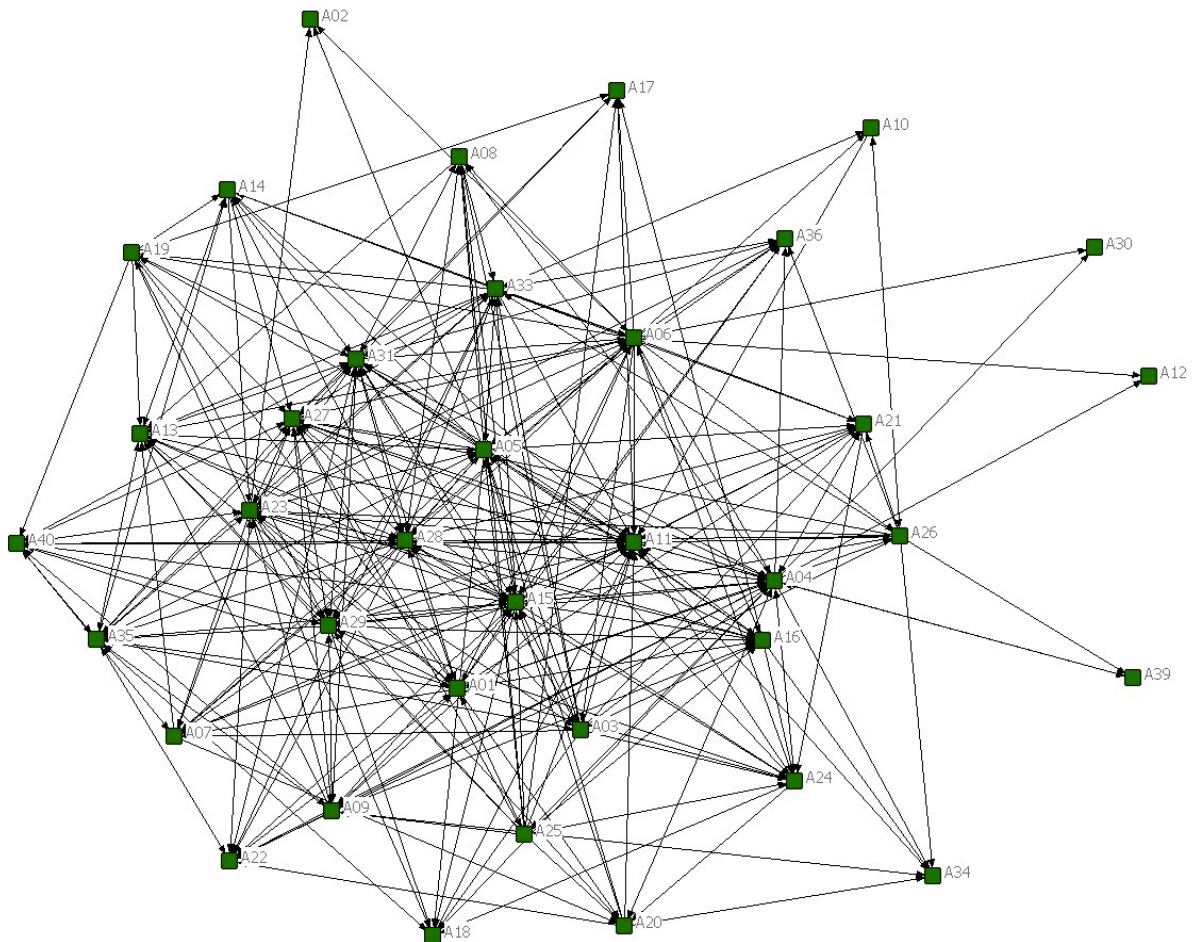
um pequeno grupo tem acesso à rede. De facto, é visível a densidade das relações estabelecidas entre os vários blogues que constituem a nossa base de dados. Também se verifica uma relativa proximidade entre os vários dispositivos, uma vez que os blogues situados na periferia da rede não distam mais do que uma ou duas ligações para chegarem ao centro. Num estudo desenvolvido por Pedro (2012), a autora verificou que, nos últimos anos, o número de blogues criados em Moçambique aumentou consideravelmente, bem como a multiplicidade de assuntos abordados. A autora procedeu a uma pesquisa no PNET Moçambique e desenvolveu entrevistas semiestruturadas com os bloguistas, tendo concluído que o seu perfil pode ser caracterizado do seguinte modo: indivíduos com o ensino superior concluído e com facilidades de acesso e domínio das tecnologias de informação e comunicação. As principais motivações para a utilização de blogues relacionam-se com o facto de estes constituírem espaços de liberdade de expressão, de troca de experiências e de trabalho. Em relação ao perfil dos leitores, como a autora indica, estes são, à semelhança dos próprios bloguistas, pessoas com nível superior e com acesso às TIC. De facto, a autora conclui que os principais leitores dos blogues são os outros bloguistas, o que no contexto Moçambicano gerou uma forte rede de sociabilidade, como se pode observar no gráfico 2.

O nível de instrução elevado parece constituir uma característica dos bloguistas moçambicanos. Como refere Zamith et al. (2014: 266), num estudo recente sobre ciberjornalismo no espaço lusófono, em Moçambique “as pessoas mais instruídas da sociedade moçambicana foram-se apropriando dos espaços de blogues para expressarem as suas opiniões, críticas e análises dos factos sociais, políticos ou mesmo para transformá-los numa espécie de diário ou de lugar de expressão poética”.

O blogue Rabiscando Moçambique (A06) ocupa um lugar central na rede em análise, juntamente com dois outros blogues: Diário de um Sociólogo (A11) e Nullius in verba (A15). Além do lugar central que ocupam na rede, significando maior partilha de informação, Rabiscando Moçambique (A06) e Diário de um Sociólogo (A11), juntamente com o blogue Reflectindo sobre Moçambique (A04), são aqueles que detêm maior poder dentro da rede, por ocuparem lugares de intermediação. Na realidade, sem estes três, um grande número de blogues não estaria ligado à rede. De facto, como Pedro (2012) observou, podemos constatar que os autores dos blogues que ocupam um lugar central na rede moçambicana

são indivíduos com o ensino superior, muito conhecidos e profundamente envolvidos nos contextos sociais onde se movem.

Gráfico 2 - Redes estabelecidas entre blogues (Moçambique)



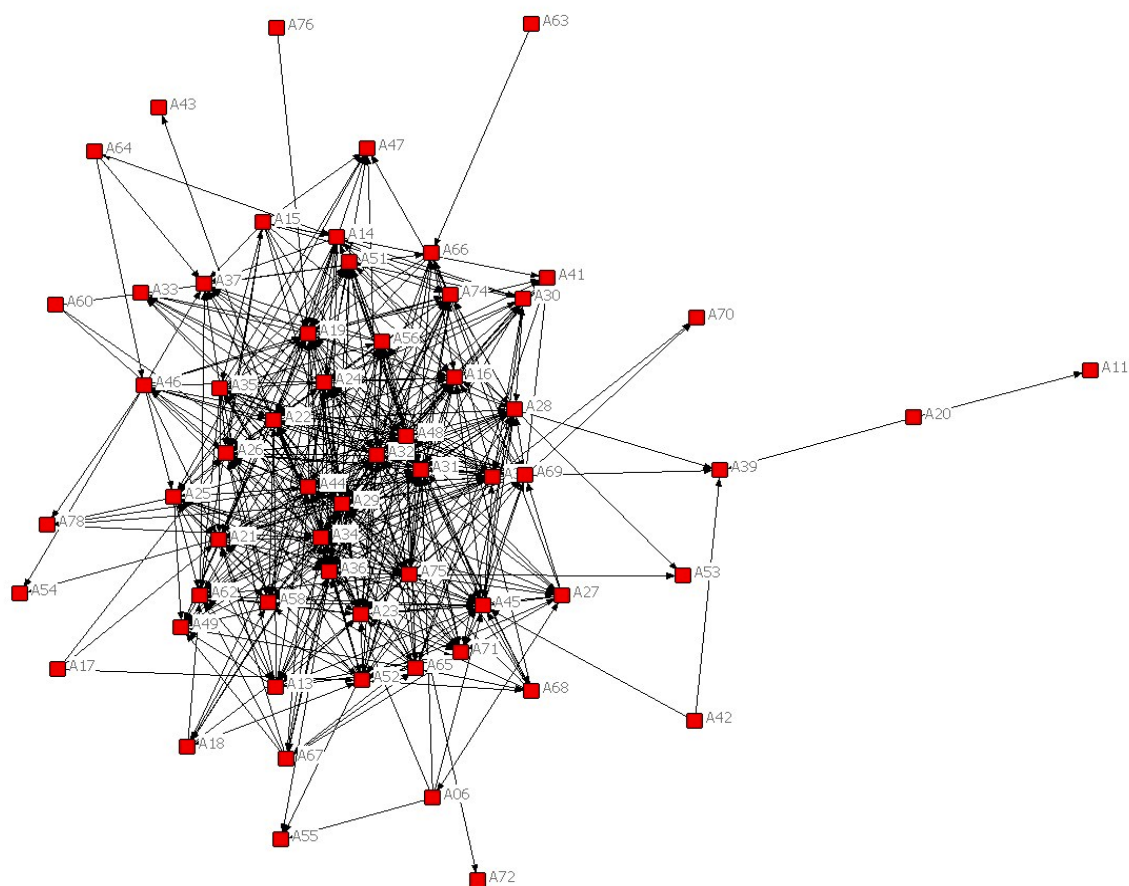
Em 2004, estimava-se existirem em Portugal cerca de 90 mil blogues (Canavilhas, 2004). De acordo com um estudo desenvolvido por Carvalho e Casanova (2010: 102), os autores dos blogues podem ser caracterizados como um grupo “sociocultural com recursos elevados, que exerce profissão ou que estuda e que mobiliza esses recursos elevados para o debate público”. Os autores acrescentam ainda que se trata de uma “população relativamente homogénea, sobretudo masculina, de jovens adultos, e de profissionais técnicos de enquadramento e liberais, dirigentes e empresários, mesmo em diferentes situações territoriais” (Carvalho e Casanova, 2010: 103). Outro estudo desenvolvido por Silva (2009)

refere que a sua amostra é maioritariamente letrada (37% possui pós-graduação), jovem/adulta, masculina (76%) e vive, em mais de metade dos casos, nas áreas metropolitanas do Porto ou de Lisboa. Estes dados relativos à presença maioritariamente masculina na blogosfera são corroborados por Cerqueira et al. (2009). As autoras referem que há dados que apontam para a replicação na blogosfera da desigualdade de género que caracteriza a sua participação nos meios de comunicação social tradicionais.

A observação das redes virtuais de sociabilidade na blogosfera portuguesa (Gráfico 3) remete para o contexto digital de um pequeno país, no qual mais de metade da população se encontra infoincluída, como foi possível verificar pelos dados apresentados anteriormente neste artigo. Este cenário poderá contribuir para a densa rede de ligações e interligações que o gráfico demonstra. Nesta rede, observa-se uma intensa profusão de relações que aponta para a coesão da blogosfera portuguesa. Ainda assim, há a salientar uma certa irregularidade no que toca à medida de proximidade entre os blogues: se no espaço mais central da rede se nota que uma ou duas ligações são o suficiente para que um dispositivo se aproxime dos restantes, para os blogues situados na periferia é necessário percorrer várias ligações para que atinjam o mesmo objetivo.

Os blogues centrais e com maior poder de acesso, intermediação e distribuição de informação são o Origem das espécies (A22), o Blasfémias (A29) e o Jugular (A44), que constituem espaços de discussão política, conotados inclusive com determinadas cores partidárias, pelo facto dos seus autores estarem envolvidos de algum modo na cena política. Com efeito, como refere Costa e Silva (2012), Blasfémias e Jugular são dos blogues políticos mais lidos.

De acordo com Varanda (2000), a centralidade está relacionada com o poder. Ou seja, os bloguistas em posições centrais têm mais acesso e maior potencial de controlo sobre recursos relevantes, tais como informação, do que atores marginais ou isolados. De facto, pudemos constatar na pesquisa desenvolvida que os autores de vários blogues centrais nas blogosferas moçambicana e portuguesa encontram-se envolvidos na vida social e política dos seus países, tendo, em determinados casos, sido o blogue a trazer visibilidade inicial para as suas ideias, atividades e debates.

Gráfico 3 - Redes estabelecidas entre blogues (Portugal)

4. Reflexões Finais

Na perspetiva de Costa e Silva (2012), embora a blogosfera se situe fora das esferas estatais e/ou governamentais e íntimas/privadas, pode sofrer tentativas de instrumentalização. Nesta linha de pensamento, a autora considera que a blogosfera proporciona novos espaços para a materialização da esfera pública, quer no que diz respeito ao facto de proporcionar modos de discussão, debate e deliberação, quer também porque constitui um repositório de ideias passíveis de serem armazenadas. De facto, com o advento da Internet, registaram-se transformações sociais relevantes na esfera pública, especialmente do ponto de vista da interatividade e do poder. Esta tem a potencialidade de promover a argumentação e a interação vocacionada para a partilha de experiências e construção de identidades. No entanto, como Costa e Silva (2012: 203) também constata no seu estudo sobre a blogosfera política em Portugal,

“desempregados, trabalhadores pouco qualificados ou com escolaridade baixa – que poderiam eventualmente trazer para o espaço público e debate um conjunto diferente de preocupações – estão ausentes da blogosfera (...). Nesta esfera, também não encontramos bloggers de áreas mais interiores do país. E assim esta não pode considerar-se como equitativa e representativa já que estas dimensões contrariam o pressuposto de uma esfera pública onde a variedade dos cidadãos e das alternativas de discussão estão presentes. Os bloggers são ainda agentes que habitam maioritariamente a mesma atmosfera mediática e que portanto respiram as mesmas notícias e as mesmas opiniões”.

Estes dados corroboram a perspetiva apresentada inicialmente neste artigo, quando referimos que, idealmente, a internet poderia constituir uma “esfera pública”. No entanto, a persistência das desigualdades de acesso levam-nos a considerar, à semelhança de Schuler e Day (2004), que o melhor uso deste conceito pode ser como um indicador para a direção a seguir e como um ponto de partida para a reflexão crítica e a ação. Partindo deste pressuposto, os dados apresentados neste artigo revelam uma discrepância significativa no que diz respeito ao acesso a esta tecnologia, encontrando-se Moçambique junto dos países com um grau de desenvolvimento humano mais baixo e com uma percentagem de utilizadores extremamente reduzida. Estas informações articuladas com a análise das redes estabelecidas entre bloguistas moçambicanos e a investigação sobre o tema, levam-nos a concluir que só uma elite, instruída, com condições financeiras para tal, tem acesso à rede apresentada, colocando em questão a ideia da internet enquanto “esfera pública”. Também em Portugal, se percebe facilmente que os blogues mais lidos são aqueles que de algum modo se envolvem nas discussões políticas, sendo também os que detêm uma posição mais central na rede apresentada. Trata-se de indivíduos com um nível de instrução elevado, maioritariamente do sexo masculino e do litoral do país. Neste caso, embora metade da população portuguesa se encontre infoincluída, como sugerem os dados apresentados inicialmente, interessa perceber se estes detêm os conhecimentos necessários para utilizarem as novas tecnologias no sentido de se fazerem ouvir no contexto virtual. No caso do Brasil, a rede apresentada aponta, como referimos, para o contexto geográfico em análise, onde encontramos vários grupos com algumas ligações entre si, mas com pouca densidade de interligações, devido à imensidão que caracteriza o espaço virtual brasileiro.

Consideramos que importa aprofundar esta reflexão, procurando perceber quem se encontra excluído das redes em análise e quais as principais razões para o sucedido. Que fatores afetam o acesso e a liberdade de ação na rede? Serão os níveis de literacia, as condições económicas, ou um desinteresse pela participação neste meio? Estará o debate amplificado neste contexto? De facto, apenas a determinados níveis, já que estes media podem ser objeto de controlo por forças externas. O Facebook, por exemplo, foi banido de diversos países e a Turquia proibiu recentemente o Twitter e o Youtube. Neste contexto, em que estas ferramentas são monopolizadas e manipuladas do ponto de vista político, a ideia de esfera pública encontra-se seriamente ameaçada. Estas são algumas questões que interessa aprofundar em futuras investigações, tendo presente e refletindo sobre os limites e as possibilidades das novas tecnologias na dinamização de uma esfera pública mais inclusiva.

5. Referências Bibliográficas

- BLOOD, R. (2000) *Weblogs: A History and Perspective*, Rebecca's Pocket, [Disponível em http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html].
- BLOOD, R. (2002) Introduction. In Powazek, M., Blood, R. Katz, J. et al. *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. New York: Basic Books.
- CANAVILHAS, J. (2004) *Blogues políticos em Portugal: o dispositivo criou novos actores?* Disponível em www.bocc.ubi.pt.
- CARDOSO, G. (2011) *The Meanings of Public Sphere: is there any democratic role for Internet?* In João Carlos Correia e Rousiley C. Maia (Orgs.), *Public Sphere Reconsidered Theories and Practices*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, LabCom Books 2011. Disponível online: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/84>.
- CARDOSO, G. & LAMY, C. (2011). "Redes sociais: comunicação e mudança". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 2 (1), 73-96. Disponível online: observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6.
- CARVALHO, T. & CASANOVA J. L. (2010) *Esfera Pública, democracia e Internet: os bloggers em Portugal*. *Observatório Journal* 4 (2), pp: 91-118.
- CASTELLS, M. (1996) *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell.

- CASTELLS, M. (2001) *Internet Galaxy. Reflections on the internet, business, and society*. Oxford: Oxford University Press.
- CASTRO ROCHA, J. C. (2013) Introduction: Lusofonia – A Concept and Its Discontents. In J. C. Castro Rocha (Ed.) *Lusofonia and its Futures. Portuguese Literary & Cultural Studies*, 25, pp. 1-12.
- CERQUEIRA, C., RIBEIRO, L. T. & CABECINHAS, R. (2009) Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na “rede”. *Ex æquo*, 19, 111-128.
- CORREIA, J. C. (2011) The Meanings of Public Sphere: is there any democratic role for Internet? In João Carlos Correia e Rousiley C. Maia (Orgs.), *Public Sphere Reconsidered Theories and Practices*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, LabCom Books 2011. Disponível online: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/84>.
- CORREIA, J. C. (2014) O papel das redes digitais na configuração epistemológica dos debates de sociedade. *Estudos em Comunicação*, 15 Esp., 77-92.
- COSTA E SILVA, E. (2012) *Pluralismo e diversidade nos media em Portugal – A blogosfera política em rede*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação Especialidade de Economia Política da Comunicação. Braga: Universidade do Minho. Disponível online: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24540/1/Maria%20Elsa%20Sousa%20Costa%20e%20Silva%20de%20Morais.pdf>.
- DREZNER, D. & FARRELL, H. (2004) The power and politics of blogs. Disponível online: <http://www.utsc.utoronto.ca/~farrell/blogpaperfinal.pdf>.
- ÉVORA, S. L., & SILVA, A. (2010). Desafios das redes de comunicação e de educação no espaço lusófono: da blogosfera Cabo-Verdiana à “cidadania global”. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 8, Braga: CECS.
- FERNBACK, J. & THOMPSON, B. (1995) ‘Virtual Communities: Abort, Retry, Failure?’ Paper presented at the annual convention of the International Communication Association, Albuquerque, New Mexico. Disponível online: <http://www.well.com/user/hlr/texts/VCCivil.html>.
- FIDALGO, A. (2011) Conectados e tutelados. Uma revisitação tecnológica da esfera pública. In João Carlos Correia e Rousiley C. Maia (Orgs.), *Public Sphere Reconsidered Theories and Practices*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, LabCom Books 2011. Disponível online: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/84>.
- GRAHAM, S. & MARVIN, S. (1996) *Telecommunications and the City: Electronic Spaces, Urban Places*. Routledge: London.
- LAZEGA, E. (1998) *Réseaux sociaux et structures relationnelles*. Paris: PUF.

- LIGHT, J. (1999) 'From City Space to Cyberspace'. In Crang, M., Crang, P., & May, J. (eds) *Virtual Geographies*. London: Routledge, pp. 109–130.
- MACEDO, L. (2013) *Da diversidade do mundo ao mundo diverso da lusofonia: a reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede*. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação (área de especialização em Comunicação Intercultural). Braga: Universidade do Minho.
- MACEDO, L., MARTINS, M. L. & CABECINHAS, R. (2011). *Blogando a lusofonia: experiências em três países de língua oficial portuguesa*. In Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds) *Lusofonia e Cultura-Mundo, Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Coimbra: Grácio Editor, pp. 121-142.
- MACEDO, L., MARTINS, M. L. & MACEDO, I. (2010) "Por mares nunca dantes navegados": contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono. In Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds) *Lusofonia e Sociedade em Rede, VIII Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Braga: CECS e Grácio Editor, pp. 11-39.
- MACEDO, L., MARTINS, M. L., CABECINHAS, R. & MACEDO, I. (2013) *Researching Identity Narratives in Cyberspace: Some Methodological Challenges*. In Cabecinhas, R. & Abadia, L. (eds.) *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches*. Braga: CECS, pp.: 119 -13. Disponível online: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/viewFile/1515/1419
- MILLETTE, M. (2014) *Contra-público e media sociais: O caso do colectivo francófono taGueule no Canadá de língua inglesa*. *Estudos em Comunicação*, 15 Esp., 77-92
- MORAIS, R. (2011) *New Technologies and Deliberation: Internet as a virtual public sphere or a democratic utopia?* In João Carlos Correia e Rousiley C. Maia (Orgs.), *Public Sphere Reconsidered Theories and Practices*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, LabCom Books 2011. Disponível online: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/84>.
- MORENO, J. L. (1972) *Fundamentos de la Sociometría*. Buenos Aires: Paidós.
- MOSS, M.L. & MITRA, S. (1998) 'Net Equity: A Report on Income and Internet Access'. *Journal of Urban Technology* 5 (3): 23–32.
- PEDRO, V. G. M. (2012) *As dinâmicas de produção de conteúdo na blogosfera moçambicana. Comunicação apresentada na Conferência "As Tecnologias de Informação e Comunicação e as novas dinâmicas sociais"*, 24 e 25 de julho. Maputo: Instituto Superior Monitor.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2013*. New York.
- SCHULER, D. & DAY, P. (eds.) (2004) *Shaping the Network Society: The New Role of Civil Society in Cyberspace*. Massachusetts: The MIT Press.

- SILVA, L. (2005) Os arquipélagos de comunicação potenciados pelo uso dos telemóveis e pelas tecnologias móveis. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível online: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-arquipelagos-comunicacao-potenciados-uso-telemoveis-tecnologias-moveis.pdf>.
- SILVA, P. O. (2009) *Blogo logo existo*. Lisboa: Media XXI.
- THOMAS, R. (1995) 'Access and Inequality'. In Heap, N., Thomas, R., Einon, G., Mason, R., and MacKay, H. (eds) *Information Technology and Society: A Reader*. Open University Press, Milton.
- VARANDA, M. (2000) Análise de Redes Sociais e a sua aplicação ao estudo das organizações: uma introdução. *Organizações e Trabalho*, 23, 87-106.
- WAGNER, F. (2010) Habilidades e inclusão digital: o papel das escolas. In Vieira e Santos (coord.) *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil TIC Domicílios e TIC Empresas 2009*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- WARSCHAUER, M. (2002) 'Reconceptualising the Digital Divide'. *First Monday*, 7(1). Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/967/888>.
- WASSERMAN, S. & FAUST, K. (1994) *Social Network Analysis: Methods and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZAMITH, F. et al. (2014) *Ciberjornalismo na lusofonia: Contributo para um mapeamento*. In Martins, L. M., Cabecinhas, R., Macedo, L., & Macedo, I. (Eds.) *Interfaces da Lusofonia*. Braga: Universidade do Minho, CECS. Ebook. ISBN: 978-989-8600-21-9. Disponível online: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/133.

ⁱ "Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais", financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, e cofinanciado pelo FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do COMPETE (POFC) - Programa Operacional Fatores de Competitividade (PTDC/CCI-COM/105100/2008).

ⁱⁱ Como referem Cardoso & Lamy (2011: 82), "a utilização do telemóvel para propagação de imagens e consequente sensibilização da comunidade internacional já se mostrou essencial em situações tão distintas como o caso de Seattle ou dos protestos iranianos ou moçambicanos". Relativamente ao caso Moçambicano, os autores referem os protestos de setembro de 2010 onde, após o anúncio do aumento de preços de bens essenciais como o pão, uma mensagem de SMS começou a circular apelando ao protesto. Neste contexto em concreto verifica-se a utilização do telemóvel em detrimento das redes sociais. Isto deve-se ao facto da maioria da população moçambicana ter apenas acesso às redes de telemóvel e não às redes de Internet móvel – dado o custo de equipamentos e ligações de dados. Como refere Fidalgo (2011: 70) o telemóvel "tornou-se o cordão umbilical que mantém os indivíduos ligados à comunidade original apesar de fisicamente se encontrarem longe".